

Afonso Cunha, retrato da miséria

ALDO RENATO SOARES

AFONSO CUNHA — Chegar a Afonso Cunha, distante 530 quilômetros de São Luís, quase na divisa com o Piauí, é um pesadelo. São mais de 80 quilômetros de terra, pedras, areia e buracos depois de dobrar à esquerda nas instalações abandonadas da construtora Queiroz Galvão S.A., na estrada inacabada que liga São Luís a Coelho Neto.

Como o presidente José Sarney, Afonso Cunha foi político e poeta. O povo desconhece, embora o dono da cidade, das terras, dos animais e das pessoas tenha mandado construir na pracinha em frente da prefeitura uma "estátua" com uma placa. "Mas o povo não sabe ler nem escrever", atesta uma das oito professoras da cidade, Rosa Maria dos Santos Gonçalves.

Onde hoje é a cidade, no fim de uma curva em declive toda esburacada, era a sede da fazenda do atual prefeito, Antônio Américo Machado Bacelar, do Partido da Frente Liberal. Há 28 anos, Bacelar doou a terra ao governo do estado e foi criado o município. De lá para cá ele fez nove prefeitos e se elegeu duas vezes.

Dos 6.800 habitantes (na versão de Bacelar) contando a área urbana e a rural, Bacelar emprega três mil como agregados em suas propriedades. Os brasileiros e brasileiras de Afonso Cunha são pessoas tristes e envergonhadas. Falam com os estranhos de cabeça baixa, olhando para o chão, onde seus filhos barrigudos se misturam com os porcos magros e imundos. Os homens, mulheres e crianças parecem mais velhos do que são.

A cidade tem oito caminhos que imitam ruas, e o principal é "a avenida Antonio Bacelar". Quando assumiu a Presidência da República, José Sarney prometeu a Bacelar asfaltar Afonso Cunha, que está no trajeto entre Codo e Coelho Neto. Em troca, Bacelar batizou o centro de saúde de Roseana Sarney Murad.

Emocionada, a filha do presidente prometeu, há dois anos, equipar o centro. Até hoje nada. Nem médico.

A poucos metros do centro de saúde, destaca-se a casa do prefeito, pintada de verde, amarelo e rosa. Na mesma quadra, as construções menos piores da cidade são a prefeitura, câmara dos vereadores, o hotel Santa Luzia e a escola Carlos Magno Bacelar.

As cerca de 60 casas do povo

ficam um pouco afastadas da pracinha. A maioria é de sapê ou adobe, como eles chamam. São feitas de barro com armação de bambu e teto de folhas de babaçu. O interior é dividido em três cômodos pequenos, a sala, a cozinha com o fogão de barro batido e o quartinho com as redes de dormir.

COMIDA POUCA

A renda média mensal dos homens é de menos de Czs 10 mil, menos que um engradado de cerveja, se fosse vendido nos botecos. O pessoal prefere beber pinga a 20 cruzados a dose mínima do que pagar 450 por uma cerveja gelada. A dúzia de ovos custa Czs 420 e o dono do armazém, Luiz de Lemo Resende, 47 anos, os vende por unidade a Czs 40.

Os homens não têm saída: ou trabalham na roça ou vão para o mato quebrar coco de babaçu. Na terra, a capina ou limpeza do terreno paga de Czs 400 a Czs 600 por dia, numa jornada de oito horas. Um quilo de coco de babaçu rende Czs 50 e no máximo se quebra seis quilos por dia. O quilo da carne de boi custa Czs 500. Feijão a 350, arroz a 180 o quilo de açúcar a Czs 200.

Luz e água encanada, só em algumas casas. Esgoto nenhum. Para iluminar as choupanas usa-se o lampião a querosene ou a vela, "e a água, quando tem, vem do poço do quintal". As necessidades são feitas no fundo dos terrenos.

SEM PUDOR

A noção de pudor há tempos cedeu diante da sobrevivência. Raimundo Conrado Filho, 40 anos, técnico de rádio, toma banho com sabonete numa poça d'água onde os porcos vão beber e as mulheres lavam os filhos e as roupas.

Há 20 dias, a escola da cidade, que atende da primeira à oitava série, está sem merenda. A professora Rosa Maria dos Santos Gonçalves, 27 anos, desconfia que a falta de uma boa alimentação está prejudicando o aprendizado das crianças. Ela ganha Czs 22 mil por mês pelo estado. "Quando recebo", ressalva ela.

A frequência é irregular e a secretária de Educação, presidenta da Câmara dos Vereadores, chefe do posto médico e mulher do prefeito, Conceição Bacelar, não sabe quantos alunos estão matriculados. De cada dez só dois chegam à oitava série. Os outros desistem para ir para a roça ou quebrar coco.